

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 87

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1330. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2500. Semestre, 1500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os sts. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.º Anno

A QUESTÃO CLERICAL

Não podemos seguir o fio dos nossos artigos porque é necessário examinar a cada passo as peripecias da questão, hoje na ordem do dia.

Agora os liberaes, que dêram em appellar para o clero regular contra os jesuitas, estão se admirando do clero desprezar o seu appello lançando-se nos braços do jesuitismo.

Não vos admireis. Estudae, pensae, que vos matou sempre a falta de estudo, a desorientação que resulta d'essa falta. Estudae, pensae. O jesuitismo é o catholicismo, o catholicismo é o jesuitismo. Esta verdade está dicta e redicta pelos grandes pensadores e está provada e mais do que provada pelos factos.

Quinet e Michelet, essas duas grandes almas, esses dois grandes cerebros, também quizeram fazer o accordo da liberdade com o clero contra o jesuitismo. Mas viram logo desde o principio o mallogro d'essa utopia. E Quinet dizia mais tarde: «Ha trinta annos que eu reconheço esta evidencia: o catholicismo romano é incompativel com a liberdade moderna; é preciso escolher entre uma e outro.» (Edgar Quinet—*Le Livre de l'Écclé*, pag. 282, Paris 1875.)

N'esse livro adoravel mostra Quinet as falsidades do liberalismo quando se allia com o catholicismo.

«De todos os pontos do mundo se reúnem os representantes do dogma catholico; formam o novo concilio, a assembleia que se não via ha tres seculos e deante da qual só ha um recurso: obedecer e calar.

O concilio e o papa tem a mesma doutrina, o mesmo pensamento, a mesma voz. Quando abrem a bocca é para lançar o anathema. Sobre quem? Sobre todo a partido liberal. Onde será o refugio d'este partido, na situação que escolheu? Para qualquer lado que se volte, para o papa ou para o concilio, a resposta é similhante: anathema sobre todas as promessas que fez, sobre os seus projectos de conciliação, sobre os direitos, as garantias, as franquias com que nos embalava. Falsamente se comprometter; prometteu-nos o que sabia que não podia dar. Se nos quiz ludibriar, ludibriou-se a si proprio.

Esperanças, allianças, doutrinas liberaes, tudo isso é impio e execravel. Anathema, maldição. Eis o que resta do contracto de alliança entre o liberalismo e a Igreja.» (Obra citada, pag. 283 e 284.)

A situação na Europa é, hoje, como muito bem o faz notar a viuva de Quinet no excellento livro publicado o anno ultimo—*Cinquante ans d'amitié*—a situação hoje é precisamente a mesma. O papa é jesuita, o alto clero é convictamente jesuita, o baixo clero é jesuita, senão todo por convicção, todo por necessidade, todo por medo dos bispos. Appellar para elle é irrisorio. Os chamados liberaes portuguezes estão fazendo uma triste figura.

Como na França, em 1843, um ou outro padre atreve-se a dirigir aos jornaes uma ou outra carta contra os jesuitas. Mas anonyma. Os que protestam publicamente são tão poucos que nem chegam a contar-se.

Em 1843 em França, como em 1901 em Portugal, os bispos declaram publicamente que são jesuitas, que o jesuitismo é a Igreja e que a Igreja é o jesuitismo.

No livro já citado de Madame Quinet, onde esta senhora historia a grande amizade que ligou os dois grandes pensadores Quinet e Michelet—*Cinquante ans d'amitié*—vem a pag. 351 a carta dirigida por Quinet, a proposito da questão do ensino, ao arcebispo de Paris em agosto de 1843.

N'ella diz Quinet:

«Assim, não nos permittem separar a causa do jesuitismo da causa da clero francez. Quer-se a todo o preço lançar sobre este a responsabilidade d'essa Sociedade tantas vezes maldicta. O que nós affirmámos contra ella, applica-o o clero a si proprio: não o assusta a impopularidade, nem uma iniquidade tão patente, nem uma herança tão monstruosa.

Para refutar o que se tem dicto da oppressão do baixo clero, objecta se que poucos padres estão dispostos a queixar-se. Ha boas razões para guardar silencio quando a queixa é considerada uma revolta. Não posso eu citar ao sr. arcebispo as palavras dolorosas dos padres que se me dirigem furtivamente confiando-nos a sua oppressão mas supplicando-nos que não divulguemos os seus nomes!»

Como se vê, é precisamente o caso de Portugal no momento grave que decorre. No baixo clero ha oppressões. Nem eu conheço escravo cuja escravidão de perto ou de longe se pareça com a do padre! Mas, no geral, o padre, como todo o escravo, acceta a escravidão. O padre, no geral, acostumou-se a ella e dá se bem com ella. Affeito á escravidão, o padre, no geral, é inimigo da liberdade. Como todo o escravo que não pôde quebrar a escravidão, o padre odeia o homem livre, o padre quer que todos sejam es-

cravos, tem mesmo prazer especial em fazer os outros mais escravos do que elle. Infelizmente, o homem, na altura da sua evolução, ainda é assim.

Mas supponhâmos o contrario. Supponhâmos todas as boas intenções no padre. De que valem as suas boas intenções, se elle é escravo, se não pôde protestar, se não pôde dizer o que sente? E' por elle, escravo, que havemos de aquilatar as opiniões da Igreja, é por elle quando se dirige anonymamente á imprensa supplicando que não revelem o seu nome, ou é pelo bispo quando se colloca abertamente do lado do jesuita e pelo padre quando faz publicamente o que o bispo lhe manda?

O que foi fazer a commissão dos liberaes do Porto ao paço do bispo Barroso? Praticou uma obra de ingenuidade lórpa ou quiz burlar a opinião?

Praticou uma obra de ingenuidade, queremos crê-lo. Mas essas ingenuidades é que tem perdido, ou, pelo menos, embaraçado sempre a liberdade. As ingenuidades e as traições.

O paiz não está, sem duvida, em condições de dispensar a religião. Nem nós o pretendemos. Nem nós impomos religião nenhuma a ninguem. Nem nós seguiriámos, em caso algum, as pisadas de intolerancia de todas as religiões e do christianismo particularmente, porque seria contraproducente, porque seria dar provas de estupidez. Nem é d'isso que se trata.

Trata-se exactamente do contrario. Trata-se de acabar com a tyrannia religiosa. Trata-se de pôr todos os cidadãos portuguezes em condições de poderem racionalmente, conscientemente, seguir ou não seguir qualquer religião.

E' esta a liberdade. E' esta a questão. Mas ir procurar os bispos jesuitas, convictamente jesuitas, provadamente jesuitas para nos auxiliar a fazer triumphar essa liberdade ou a resolver essa questão, é simplesmente irrisorio. E' dar provas de demasiada ingenuidade. E' quasi como os jesuitas a reclamarem a liberdade. A liberdade de apunhalal! A liberdade com que se grita contra a hygiene quando n'uma epidemia, ou fóra d'ella, as auctoridades obrigam os cidadãos a terem as casas limpas!

No fim de contas os jesuitas também são liberaes. Só com a differença que a liberdade d'elles é a liberdade de tyrannisar, de envenenar, de apunhalal, de roubar e de, impunemente, enlouquecer os outros. Deixem-lhes essa liberdade e elles são liberaes.

Querem-no assim os outros liberaes? E' para essa liberdade

que pedem o auxilio do bispo Barroso?

Se não é, deixem-se de imposturas e ponham a questão no seu verdadeiro pé. Não percam tempo, nem confundam procedimentos e principios.

Ser contra os jesuitas, ser contra o proprio clero, não é ser contra a religião. Nós não tratamos, nem podemos tratar desde que os principios da moderna civilização consignados na propria lei portugueza permitem todas as religiões, não tratamos, dizemos, de defender ou atacar a religião catholica. Defender a religião catholica é offender todos os portuguezes que a não professam. Em nome da liberdade vamos atacar a liberdade.

Basta de incoherencias. Nós tratamos apenas de acabar com abusos, de pôr termo a tyrannias, de expulsar o despotismo, de collocar os principios civis acima dos principios religiosos. E se depois d'isso todos os portuguezes quizerem ser catholicos, que sejam catholicos. Se quizerem ser protestantes, que sejam protestantes. Se quizerem ser atheus, que sejam atheus.

Nem os principios philosophicos, nem a verdade historica, nem a moral, nem os interesses do paiz nos levam em caso algum a dar a supremacia á religião catholica. Pelo contrario, a religião catholica romana, como largamente o temos demonstrado, não tem feito outra coisa senão levar á ruina os povos onde vem dominando.

Esse mesmo Quinet de que falámos, que foi d'uma extraordinaria previsão em todos os seus pamphletos e cartas politicas, o demonstrou plenamente. *Polonia e Roma* não é outra coisa senão a demonstração eloquente da maneira por que succumbem os povos catholicos.

«Fostes vós que, dizia Quinet ao bispo d'Orléans, dilacerastes a Polonia provocando a hostilidade das potencias protestantes com o supplicio dos magistrados protestantes de Thorn, em 1724. Fostes vós que aggravastes a ferida com a questão dos dissidentes, em 1765. Fostes vós que, em 1717, abristes a porta á Russia recusando a egualdade de direitos e a admissão aos cargos publicos áquelles que não professavam a vossa religião. Foi assim que destes ao despotismo russo o direito ou a occasião de se proclamar mais tolerante, mais justo, mais humano, mais liberal do que vós.»

A Polonia perdeu a sua independencia, Portugal perdeu a sua autonomia, a Hespanha perdeu toda a sua grandeza, a França e a Italia estão impotentes, a Austria é uma sombra do que foi.

Todas nações catholicas romanas! E é bom juntar a Austria á Hespanha, Portugal, França e Italia para que se não diga que a questão é só de raça.

Se a França e a Italia são as mais progressivas das nações latinas é porque n'ellas a reacção anti-catholica, principalmente na primeira, foi sempre maior do que nas outras nações da mesma raça.

Não se enganem, não se illudam: o predomnio clerical é a causa primaria da decadencia de Portugal e Hespanha.

Não se enganem, não se illudam, não se deixem embair por habilidades chicanearas e sophisticas, não percam o tempo com ingenuidades e discussões superfluas: o mal, o grande mal, prova-o a sciencia, di-lo a historia—está unicia e exclusivamente na influencia clerical.

E continuaremos.

UMA LIÇÃO

Como toda a gente sabe, o parlamento francez ha muito que se occupa das congregações religiosas, e discute uma lei cujas conclusões finaes são o extermínio de quantas *manas e manas* enxameiam a França.

Tem a palavra o radical Bourgeois que, mostrando os defeitos do ensino clerical, assim se exprime:

«Existe especialmente um manual de Historia da Igreja, no qual ha passagens em que certas religiões diferentes da religião catholica são severamente julgadas...»

Interrompe-o Massabureau, dizendo:

«Em que se accusa Calvino de ter queimado Miguel Servet...»

Replica Bourgeois:

«Eu reprovo tão absolutamente Calvino queimando Miguel Servet como a inquisição queimando trezentos mil dissidentes!»

A esquerda applaudiu a réplica e com razão. O desaforo dos clericos chega a este ponto: faltar impudentemente na fogueira em casa d'aquelles que elles proprios queimaram.

Os colos e o decreto

Desde que se começou o inquerito, o governo mandou, até hoje, fechar tres colos. Nenhum d'elles, porém, é o seminario de S. Vicente, nem tão pouco o collegio de Campolide ou o de S. Fiel. No entanto, estes estabelecimentos de *instrucção* são declarada e manifestamente dirigidos e administrados por jesuitas.

Porque será que ainda não foram mandados fechar?

Esquecer-se-liam d'elles, ou tel-os-ha o governo beneficiado com os costumes perdões da semana santa?

Cartas d'Algueres

4 DE ABRIL.

Um dos grandes males dos liberaes é a sua leviandade. Falam e procedem no ar, sem disciplina, sem estudo, por conseguinte sem persistencia nem methodo. D'ahi o triumpho continuo dos jesuitas, que, no fundo, constituem a mais perigosa e a mais temivel das quadrilhas.

Como diz Huber, o homem que melhor tem estudado os jesuitas, o interesse do jesuita é o interesse da sociedade. Nenhum d'aquelles homens trata do seu interesse pessoal. Nenhum d'elles tem vontade. Nenhum d'elles tem liberdade. O interesse, a vontade, a liberdade é da Sociedade, só da Sociedade.

Juntam-se sem se conhecerem, vivem sem se amarem, morrem sem se chorarem.

Assim os definiram já.

O ex-jesuita Grainha, que viveu no meio d'elles, confirma esse modo de ver. Juntam-se sem se conhecerem porque veem dos pontos mais distantes reunir-se na mesma casa. Vivem sem se amarem, porque nem tem tempo para se amar, — andam em continuas mudanças de casa, — nem, pela regra, lhes é permitido esse amor. Morrem sem se chorar porque a morte d'um d'elles produz nos outros a mais completa indifferença. Se estão resando ficam resando, se estão comendo, ficam comendo, quando o irmão agonisa e expira. As janellas abrem-se da mesma fôrma. Os passeios realisam-se ás mesmas horas e do mesmo modo.

Uma disciplina dura e terrível! Suaes declara: «A Sociedade é uma companhia de soldados.» A' sua frente está um general. Sendo a subordinação o nervo da disciplina militar, o general exige uma obediencia absoluta e cega. Mas nunca exerceo nenhum posuivo ou possui uma disciplina egual! Huber explica: «É um exercito em campanha.»

Sempre em campanha. Sempre! E os exercitos em campanha tem rigor e disciplina triplicada. Tem leis e regulamentos excepcionaes até. «A obediencia militar, acrescenta Huber, não é o equivalente da obediencia jesuitica; esta ultima é mais extensa porque se apodera do homem inteiramente, não se contentando, como a primeira, com o acto exterior; exige o sacrificio da vontade, a annullação do proprio pensamento.»

A constituição da Sociedade de Jesus, diz Huber ainda, tem um character rigorosamente monarchico e militar no que diz respeito ao governo e á administração. Tem traços aristocraticos: a escolha do geral e da legislação pertence unicamente á elite, aos membros mais eminentes da sociedade. Mas também tem espirito democratico porque permite a todo o jesuita elevar-se do grau mais infimo á dignidade suprema.

Por outro lado, ao mesmo tempo que a obediencia ao geral e ao provincial é absoluta, os provinciaes vigiam sempre o geral e os irmãos professos vigiam sempre o provincial.

Contra uma quadrilha tão fortemente organizada, o que pôde a insania liberal que pretende fazer distincções entre as congregações e que pede o auxilio do bispo do Porto?

A primeira coisa que ignoram quasi todos esses liberaes, que escrevem e falam acaloradamente contra os jesuitas, é a organização e a historia jesuitica. Se conhecessem esta organização, se tivessem lido bem esta historia, o seu procedimento seria outro e a liberdade poderia então triumphar a valer.

Em primeiro lugar, o papa é jesuita. Sobre isto não ha duvidas nenhuma. Sendo o papa jesuita, é jesuita o alto clero de todo o mundo. Sendo jesuita o

alto clero de todo o mundo, é jesuita o clero todo, com raras excepções.

Não ignora isto o menos lido dos que lêem. O jesuitismo é o catholicismo, o catholicismo é o jesuitismo. Esta verdade é já axiomática.

Havemos de arrasar as egrejas por isso? Não. Mas havemos de supprimir todos os conventos, porque todos elles são focos de conspiração contra a liberdade; havemos de supprimir todas as congregações, porque todas ellas são jesuiticas, todas são um attentado perenne á natureza, ao progresso, á civilização; havemos de prohibir o ensino religioso porque só o ensino laico é coherente com a organização civil das sociedades e harmonico com o seu fim, que é o amor da patria e da familia.

Andar a appellar para os bispos, é simplesmente perder tempo. Supprimir umas congregações e admittir outras é simplesmente deixar a questão peor do que estava. Ao menos até aqui existia o effeito moral da espada de Damocles suspensa sobre a cabeça jesuitica. Agora vão ficar em plena liberdade, rindo-se como sempre da ingenuidade liberal.

Os jesuitas, propriamente, dividem-se em duas classes: os professos de quatro votos e os professos de tres votos, ou, n'outros termos, os irmãos professos e os coadjutores espirituaes. Os primeiros são os que, tendo obtido boas classificações, fizeram todo o curso philosophico e theologico. Os segundos são os que, reprovados n'um anno do curso philosophico ou com más classificações, não poderam alargar os estudos. Os primeiros são pouquissimos. D'elles é que sahem os provinciaes, o geral, todos os que exercem cargos na sociedade. São os que mandam.

Além d'essas duas classes ha os noviços ou principiantes, os escolasticos que são os que ensinam e estudam nos collegios antes do sacerdocio, n'um interregno ou intervalo entre os votos que os estatutos lhes impõem, os coadjutores temporaes que não passam dos votos simples, ou noviços seculares destinados a cozinheiros, creados e empregados nas casas da sociedade e aquelles que nós chamamos *jesuitas de casaca* e *jesuitas de saias*, que são uns simples auxiliares mundanos, contado perigosissimos, talvez os mais perigosos de todos.

A grande instrucção dos jesuitas é uma perfeita lenda. A instrucção dos jesuitas é deficiente. Os seus collegios são maus. Demonstram-no Huber, Compayré, Paul Bert, todos os que se tem dedicado a esse trabalho de averiguação. Demonstrou-o em Portugal a commissão a que pertencem o sr. Marianno de Carvalho, dr. Sousa Refoios e outros. Um ou outro sábio que apparece entre elles, e que não poderia servir nunca de elemento de apreciação do estado de cultura da sociedade, é posto cuidadosamente de parte ou mesmo perseguido, como aconteceu nos nossos dias ao mathematico Moigno, que foi expulso por querer publicar um livro sobre mathematicas contra a vontade da Ordem, ao mathematico Secchi, que foi sempre tratado com desprezo, não lhe sendo concedido nunca um cargo de importancia, ao escriptor Curci, que também sahira da Ordem para poder publicar um livro, e a outros. Nos tempos passados serve de exemplo o padre Antonio Vieira, o eminente portuez.

Argumentar-se com a instrucção dada nos collegios jesuiticos para mandar para lá os filhos, ou é ignorancia ou subterfugio. O que valem esses collegios já o disse o *Povo de Aveiro* n'essa serie de artigos que ha mezes vem publicando sob o titulo: «A questão clerical.»

Por esse lado, pois, o merecimento dos jesuitas é nullo.

Por outro lado, os jesuitas não

tem fé nem a inspiram. Os jesuitas não tem amor.

O que vale o amor? O que faz o amor? O que consegue o amor? Dil-o admiravelmente Michelet.

O amor, na sua idéa mais alta e mais desinteressada, só tem um fim: que a creatura se eleve. Que se eleve acima de si proprio, ao nivel d'aquelle que a ama, acima d'este mesmo se poder ser. O forte, longe de absorver o fraco, quer que o fraco se torne forte também. O voto mais ardente do amor é suscitar na pessoa amada vontade e força moral até ao grau mais sublime, até ao heroismo. O ideal de toda a mãe, e é o verdadeiro ideal na educação, é fazer do filho um heroe, um homem poderoso em actos e fecundo em obras, que queira, possa e erie.

Ora o jesuita não tem amor, nem amor de familia, nem amor de coisa nenhuma. Predispõe-o mal para elle o celibato. Prohibe-lho a regra e prohibe-lho terminantemente, *sine qua non*.

O que é o amor na vida civil? interroga Michelet. Elle proprio responde: E' a caridade, é o patriotismo, é a justiça, é a liberdade. A sua obra, o seu fim é chamar á vida social, aos cargos politicos tudo aquillo que não tem ainda vida de cidade. Levanta o pobre e o fraco do seu rude caminho, onde rasteja pés e mãos contra a fatalidade, e colloca-os na egualdade e na liberdade. Esta é a obra já dos tempos modernos. Este é a grande aspiração dos nossos dias. Este será o facto realisado nos tempos futuros.

O jesuita, que não tem amor, é contra a familia. O jesuita, que não tem amor, é contra a humanidade.

A idade média não realisou o ideal do amor. Não comprehendem a mulher, que era para ella uma prostituta ou uma santa. Não advinhou a mãe como iniciação. Michelet viu bem e definiu bem esta feição do frade medieval. Mas a idade média tinha sentimento, tinha fé, no meio da sua obscuridade.

O jesuita matou esse sentimento. O jesuita arrancou essa fé. Começou por tirar a asperza dos conventos e acabou por dissolver as almas. O fim dos jesuitas foi sempre firmar o seu poder na corrupção dos grandes e no despotismo, no fanatismo, na ignorancia dos pequenos. D'ahi a captação dos auxiliares, d'ahi esses jesuitas de farda, de casaca e de saias que ainda são hoje os peiores inimigos da humanidade, mais terriveis que o irmão professo, mais damninhos que o coadjutor espiritual.

N'uma epocha de canção moral o jesuita appareceu com as restricções, com as facilidades que auctorisavam todas as infamias e devassidões, que justificavam todas as hypocrisias, que perdoavam todos os crimes. E reis, e principes e princezas, e fidalgos e fidalgas, e ricos e poderosos, e despotas sanguinarios, e hypocritas, e farçantes, e assassinos endinheirados, tudo lhe cahiu nos braços. «A sociedade, diz Huber, facilmente attrahia d'esses filiaes com a perspectiva de graças particulares que conferia aos seus membros. Não só as resas e as missas da Ordem inteira eram prometidas aos moribundos, mas ainda a Sociedade dispunha d'um privilegio extraordinario: Jesus recebia junto d'elle, logo depois da morte, todo o membro da Ordem sem condemnar nenhum!»

Calcule-se o que resultou d'aqui e o que resultou ainda!

A serie de torpezas e de infamias a que deu e dá lugar a justificação do crime e a facilidade no perdão!

Depois a dissolução dos caracteres, ainda mesmo a dissolução inconsciente. Os povos protestantes, os boers por exemplo, são religiosos. Mas são crentes de razão clara, mas tem fé. Tem fé em Deus e tem fé na humanidade e na patria. Os povos la-

tininos não tem creança nem fé, tem fanatismo os mais estupidos, tem hypocrisia os mais cultos. Todos dizem que um dos grandes males d'este paiz é a falta de sinceridade e de patriotismo dos homens publicos. E' certo. Mas foi o jesuitismo que lhe tirou a sinceridade, que lhe tirou o patriotismo. Hintze Ribeiro, José Luciano, Alpoim, Marianno, Navarro não tem fé em coisa nenhuma, a começar por Deus. Em coisa nenhuma. Falam em Deus sem convicção, como convicção não tem na liberdade e no progresso. Não amam a patria, nem a humanidade, porque não amam coisa nenhuma, a não ser o goso sensual, o goso material. Domina-os a vaidade. Nunca uma aspiração de justiça.

Lêde todos os philosophos e vê-os-heis todos unanimes em attribuir esse facto á influencia jesuitica, esse facto que é caracteristico dos povos catholicos, desde a Austria germanica e slava até á Hespanha e Portugal catholicos.

N'esses jesuitas de farda, de casaca, e de saias ha duas classes: os mais intelligentes que não acreditam em coisa nenhuma mas que se dizem jesuitas por conveniencia ou porque é do bom tom, e os menos intelligentes que são jesuitas para commetterem impunemente todas as torpezas ou para ganharem o reino do céu. Os primeiros, sem alma vendem a patria quando calhar e vendendo a veem ha muito. Os segundos são os que torturam os doentes nos hospitaes, os que entenebrecem os cerebros das creanças nas escolas, os que separam o filho do pae, a mãe do filho, a mulher do marido, os que arregimentam e seduzem rapazes, raparigas e mulheres, os fanaticos emfim.

Qual é o remedio contra tão perigosa quadrilha? E' tiral-os d'aqui e pôl-os acolá? Não. E' supprimil-os, ou, pelo menos, tirar-lhe da mão todos os instrumentos e armas de superioridade malefica que tem sobre nós e que são as escolas, as enfermarias, os conventos, confrarias e conventiculos.

Queim fôr sinceramente liberal que abra os olhos e que veja.

A. B.

REPRESENTAÇÕES

A final parece que não passou de *canard*, se é que não foi balão de ensaio, o boato que correu pela cidade, de que o clero aveirense ia representar contra a execução do decreto-poeira.

Representações têmolas ahí, e menos más, pela Lola, pelo Domingos, por todos os actores do Theatro Lisbonense, que, com geral apazimento, representam sem se importarem com o decreto nem com os coios. E não precisam de andar de porta em porta, na faina de angariar assignaturas. Ellas lá lhes vão cair que é como passaste.

E o publico não se dá mal com taes representações.

E se ha alguém que ainda não assignasse, que assigne, e depois nos dirá se é ou não bem empregada a assignatura... em taes representações.

Urbino de Freitas

Dizem de Loanda:

Chegou o dr. Urbino de Freitas, sendo acompanhado por um cabo de policia, para a fortaleza de S. Miguel, onde tem á sua disposição dois quartos.

Urbino de Freitas mostra-se muito abatido e dá indicios de alienação mental. Baixou hoje ao hospital recolhendo á enfermaria da prisão. Consta que a familia deve chegar no proximo vapor.

A inquisição em Portugal

Passou no domingo o 80.º anniversario da extincção da inquisição em Portugal.

No paiz e seus dominios existiram quatro tribunaes permanentes, cujas sédes foram em Lisboa, Evora, Coimbra e Gôa.

A inquisição em Lisboa começou a funcionar em 1540, a de Evora em 1536, a de Coimbra em 1541 e a de Gôa em 1600.

Foram todas extinctas em 31 de março de 1821.

Nos quatro tribunaes permanentes celebraram-se 847 autos de fé.

Em Lisboa 355 homens e 221 mulheres foram queimados vivos, 706 homens e 546 mulheres morreram nos carcerees, e 6:065 homens e 4:960 mulheres padeceram tormentos.

Em Evora foram queimados vivos 234 homens e 200 mulheres, falleceram nos carcerees 801 homens e 667 mulheres, e foram postos a tormentos 6:916 homens e 5.765 mulheres.

Em Coimbra foram queimados vivos 180 homens e 215 mulheres, falleceram nos carcerees 630 homens e 720 mulheres, e foram postos a tormentos 6:247 homens e 7:252 mulheres.

Em Gôa foram queimados vivos 82 homens e 32 mulheres, falleceram nos carcerees 726 homens e 227 mulheres, e foram postos a tormentos 4:840 homens e 1:512 mulheres.

Autos de fé celebraram-se 272 em Lisboa, 180 em Evora, 304 em Coimbra e 91 em Gôa.

Um total de 50:011 individuos victimas da selvageria dos santos varões inquisitoriaes, cujo inquisidor mór se appellidava ostentadamente vice-rei de Portugal!

O deposito do jardim tem agua.

O jardineiro tem regadores. O urinol cheira mal.

Porque será que o jardineiro lhe não deita todos os dias dois regadores d'agua?

Não terá tempo?

Associação Commercial

Recebemos e agradecemos um exemplar do relatorio da Associação Commercial d'Aveiro.

E' um documento escripto com singeleza, mas que bem mostra quanto a Associação Commercial se interessa pelo progresso da nossa terra.

Com grande gaudio da rapaziada, queimaram-se hontem em varios pontos da cidade alguns judas... de trapos e palha.

No largo da feira não foi um judas, mas um jesuita que soffreu o martyrio da figueira, rebentando-lhe os beiços não com figos, mas com bombas de foguetes.

Como ella cresceu!

Desde 1540 a 1773 o numero dos jesuitas subiu de 10 a 22:589, distribuidos por 24 casas professas, 669 collegios, 176 seminarios, 61 noviçados, 335 residencias e 273 missões.

Nos 288 annos que vão de 1713 até hoje, imaginem como elles não terão crescido!

SCIENCIAS & LETRAS

A CHOCA

Aquella tarde, a Choca recolhera ao poleiro mais cedo do que o costume. Atraz d'ella, lembrando doze novelitos de oiro a mexerem-se como por milagre, os doze filhinhos tinham seguido a mãe,—e lá dentro, qual d'elles com mais difficuldade, um a um tinham se encarrapitado no velho cesto de palha onde faziam a cama, aninhando-se; o melhor que poderam, debaixo da aza materna.

Elles mesmo tinham estranhado recolher tão cedo aquella tarde, os pequenitos;—mas cá fóra, o rancho das outras gallinhas attribuia isso á doença da Choca, porque a pobre, com o gôgo, metia dó com tamanho soffrer! Um pouco aterradas, tinham assistido havia tres dias a essa operação que a Choca soffrera, e que certas d'ellas, na grey, sabiam muito dolorosa. A penna que lhe espetara no pescoco a velha que cuidava d'ellas, fóra o mesmo que nada,—e se mal estava peor ficara, a Choca! Ainda a trazia, essa penna, mas quasi secca porque não purgava; e entretanto, sem bem lhe fazer, affigia-a como se fosse um stigma, tanto ou mais que a propria doença...

Por isso recolhera cedo, a Choca, deixando fóra, o terreiro, gosando ainda o seu resto de tarde, o rancho das companheiras.

Ai, eram bem felizes, essas! Pelo buraco do poleiro, sentia-as agora cacarejar,—e não tardaria que o milho do recolher, que a velha, todas as tardes, trazia para ellas no seu mandil, alvorocasse no prazer do costume, em que por via d'um grão, ás vezes, havia entre todas rixas alegres, o bairro das companheiras...

Só ella, doente, quasi já não sabia o que era comer,—e ainda essa tarde, morta de sede, invejara a gotinha de agua que um ou outro dos seus pintainhos, bebericando na pia, deixava, depois de saciado, cair do biquinho como uma perola.

Mas nem comer nem beber, ella, que era muita a gosina e não podia! E pelo que tocava a cacarejar, nem o bastante para a ouvirem os filhos, para os admoestar, para os dirigir,—quanto mais para uma d'essas tiradas, que outrora lhe haviam feito, ao romper da manhã, a sua fama de cantadeira! Gallos que ella apaixonara, ciumes em que fizera arder tantas rivas, ralhos, intrigas, combates,—como tudo isso ia longe, agora! Nos bebedouros, ella mesma se namorara da sua figura esbelta, muitas vezes,—e que o não advinhara na devoção dos gallos, de tantos que a tinham amado, e que ao aclarar das manhãs, todos os dias, lhe declaravam o seu amor dos poleiros á roda,—adivinhará-o na inveja das outras, esse prestigio mágico da sua belleza...

Certo gallo, sobretudo, agora já velho, e, como ella, agora já tam bem sem enthusiasmos, dir-se-ia que o enfeitara; e agora mesmo, vendo a recolher cedo com a ninhada, esse velho e tropego apaixonado (mas bello, ainda assim, na sua justa decrepitude) não tardara a recolher se tambem. Subtil, passara, sumira-se ao fundo na sombra densa; e erguendo um vôo pesado, sentira-o aninhando-se onde passava as noites, n'uma

trave a um canto do poleiro. Cangaço talvez da vida, talvez doença tambem,—quem lhe dizia a ella, entretanto, que elle se não recolhera por a ver recolher, por a ver doente, por um impulso de compaixão, que era agora, talvez, como a agonia do seu velho amor?...

Pelo que respeitava ás companheiras, as da sua geração eram já poucas; e essas, como ella propria, mais saudosas da mocidade, do que lembradas; e quanto ás novas, muitas creara-as ella,—e, sobretudo, não era d'ella que tinham ciumes...

De resto, ella mesma era boa companheira; e tirante algum fogacho de genio por amor dos filhos, se tinha de os proteger, ou se l'os offendiam, até no comedouro era moderada, e no bebedouro; e muitos pintainhos de outras ninhadas queriam lhe como se fosse avó, e os frangos, uma vez por outra, ella propria, de manhã, ensinava-os a cacarejar.

Ah, mas esse bom tempo ia passado! Já chocara a ninhada com pouca saúde; e surprehendendo se, ás vezes, sem paciencia para aturar os filhos, ignorava se seria por isso; se por a verem talvez doente, que elles mesmos, cotadinhos, pareciam ás vezes tambem doentes!

... Entretanto, elles tinham-se aninhado todos, o melhor que lhes fóra possivel, debaixo da aza materna; e embora muito enferma, ella era feliz, ainda assim, por ter tão quentes os seus pequenitos,—e agora, por certo, todos a dormir e talvez sonhando...

(Continúa.)

Trindade Coelho.

THEATRO LISBONENSE

O estado do tempo não permitiu que no penultimo sabbado se cantasse a festejada operetta *O Juramento d'Amor*. Ficou, por isso, addiada a sua representação para a segunda-feira immediata, representando-se no domingo a peça phantastica de grande espectáculo *O Castello de Fogo*.

Escusado será accrescentar que a enchente de domingo foi *au grand complet*. Mais logares que o barracão tivesse, e todos elles seriam tomados, tal era a avidez com que o publico estava de applaudir a companhia que, em verdade se diga, bem credora se tem tornado dos applausos recebidos.

E bem justos foram os applausos tributados aos interpretes do *Juramento d'Amor*, porque o seu desempenho foi, sem lisonja, bastante correcto.

Para terça-feira annunciouse a representação de *As duas Orphãs*, mas o tempo não permitiu que o espectáculo tivesse logar.

Hontem cantaram-se *Os Rouxinos de Madrid*, e hoje representar-se ha *O Raminho d'Ouro*.

Não faremos de grande propheta, predizendo uma grande

enuecarrega-te do lado occidental. Eu vou postar-me na barbacã. Mas não limiteis os esforços a um unico ponto, nobres amigos! Hoje é necessario estarmos em toda a parte, multiplicamos-nos, é possivel, de modo que a nossa presença leve soccorro e confiança aonde o ataque seja mais colhido. Nós somos poucos em numero, mas a actividade e a coragem podem supprir essa falta, visto que só temos a lutar com rusticos villões.

—Mas, nobres cavalleiros, exclamou frei Ambrozio por entre o tumulto e a confusão occasionados pelos preparativos da defeza, nenhum de vós quererá ouvir a mensagem do reverendo padre em Deus Aymer, prior de Jorvaux? Rogo-te que me escuches, nobre *sir* Reginaldo!

—Dirige as tuas supplicas ao

enchente, porque, todos os que querem passar agradavelmente um bocado da noute, vão ao Theatro Lisbonense.

A fim de prestarem esclarecimentos a respeito do collegio de Santa Joanna, foram chamados á administração do concelho varios cavalleiros d'esta cidade.

ANTONIO DA SILVA PEREIRA

Mal diríamos nós, quando escrevemos ha dias sobre a morte do nosso excellent e saudoso amigo Francisco Rodrigues da Graça, que teríamos hoje de voltar a escrever sobre a morte prematura d'outro republicano.

Antonio da Silva Pereira não tinha um temperamento vivo nem impetuoso nas idéas. Era comtudo sinceramente republicano. E assim se vão perdendo os poucos que havia, os da primeira hora, os que se agruparam em volta da bandeira hasteada em 1881. Os que vieram mais tarde valeram quasi todos muito menos do que elles, quando não foram uns simples especuladores ou traficantes d'etiquetas politicas.

Na celebre questão das irmãs da caridade, a mais famosa, por todos os titulos, até pelo exito, de todas as questões anti clericas que se tem levantado nos ultimos trinta annos em Portugal. Antonio da Silva Pereira desempenhou um papel dos mais decididos e energicos. Outros se portaram então com a mesma energia e decisão. Mas simples trantes que n'esse dia combatiam o clericalismo por mera conveniencia partidaria voltando a defendel-o no dia immediato, e a hostilizar os seus companheiros da vespera, por conveniencia pessoal ou, outra vez, por conveniencia partidaria.

Antonio da Silva Pereira não. Como José Gonçalves Moreira, outro que já se foi da velha guarda, o seu espirito, aliás mais culto, educou se nas viagens, no convivio do progresso e da civilização universal, pode comparar o estado de bruteza do país, submettido ao clericalismo, com o d'outros povos emancipados, e, por isso, sendo conciliador em formulas politicas era intransigente em questões religiosas.

Na questão das irmãs da caridade formou na vanguarda, tomando parte directa nos comícios, fazendo parte de commissões, propagando e defendendo por

céo, respondeu o fero normando, porque nós na terra não temos tempo para as escutarmos. Olá, Anselmo, manda apromptar pez e azeite a ferver para se deitarem sobre as cabeças d'esses audaciosos tratantes, e que os bêsteiros não teubam falta de quadrellos. (2) Arvora a minha velha bandeira com a cabeça de touro: essa canalha verá dentro em pouco com quem se mette!

—Mas nobre *sir*, continuou o frade insistindo nos seus esforços para chamar a attenção, considera o meu voto d'obediencia e permite que eu me desencharge da commissão do meu superior.

—Livrem-me da taguerellice

(2) Quadrellos eram settas com pontas de ferro de quatro faces, que se disparavam com as bêstas.

todas as fórmas os bons principios.

O Povo de Aveiro, que tomou a iniciativa da campanha, não deixará de prestar homenagem, na occasião propria, a todos que, sem renegarem da conducta seguida, o acompanharam n'essa lucta pela civilização e liberdade do país em geral e d'esta terra em particular.

Aos principios politicos juntava Silva Pereira notaveis qualidades pessoais. Como republicano era talvez demasiadamente conciliador. Mas as suas intenções eram boas, mas manteve sempre as suas convicções, mas demonstrou sempre um caracter honesto e digno. Intelligente e com uma illustração mais do que vulgar, alliava á sua bondade e á sua honradez uma modestia, que se salientava no meio do pedantismo geral d'esta terra.

Silva Pereira foi official de marinha mercante, commandando varios navios. Esteve em Loanda algum tempo como empregado do banco Ultramarino. D'alli veio já doente, gosando poucos annos em Aveiro, que era o seu encanto, o fructo do seu trabalho e da sua intelligencia.

Pertencia á actual minoria republicana da camara municipal d'Aveiro.

Que descanse em paz.

De quinta-feira para cá tem feito um calor diabolico. Se o tempo assim continuar, teremos forçosamente de mudar de terra... para não ficarmos derretidos.

Puf! que é de mais!

FRADES A CASERNA

Para o chefe do nosso exercito aprender:

Weyler, general do exercito hespanhol, resolveu que os seminaristas e demais individuos pertencentes ás congregações religiosas, que estavam isentos do serviço militar, satisfaciam d'ora em deante esse tributo, indo como os demais cidadãos engrossar as fileiras do exercito. Pódem, em todo o caso, pagar a remissão os que pretendam safarse ao serviço.

Termina assim, na fradesca Hespanha, uma excepção que tem tanto de absurda como de immoral. E não valerá, deve crêr-se, aos atingidos pela resolução de Weyler, a chiada que já começaram a fazer.

Justissimo que não gozem sómente a mandria dos conventos, e experimentem as agruras da caserna. Para chegarem a paecer homens...

d'este velho tonto! bradou Testa-de-Boi; fechem-n'o na capella para rezar as coutas até acabar a escaramuça. Será uma novidade para os santos de Torquillstone ouvirem *aves e paters*; nunca tiveram essa honra, julgo eu, desde que sahiram da pedreira.

—Não blasphemem dos santos, *sir* Reginaldo, disse De Bracy; nós precisamos hoje do seu auxilio emquanto não fizermos debandar aquelles meliantes.

—Pouco auxilio espero da parte d'elles, responden Testa-de-Boi, a não ser que os deitemos das muralhas abaixo sobre as cabeças dos villões. Ha cá um enorme S. Christovão, que custa a remover e era sufficiente para esmagar uma companhia inteira.

O templario havia entretanto examinado os trabalhos dos assal-

AGUINALDO

O aprisionamento, por traição, de Aginaldo, chefe dos insurrectos philippinos, satisfaz vivamente a opinião norte-americana, dizem de New-York, pois julga-se que a rebellião não terá mais quem a dirija, o que assegura a auctoridade dos Estados Unidos sobre os territorios conquistados. É certo, porém, que, em muitos centros americanos, aos quaes o imperialismo não fez perder o senso moral, experimenta-se uma extraordinaria commiseración por Aginaldo, chegando a manifestarem-se inquietações acerca do procedimento que o governo de Washington seguirá para com o seu heroico prisioneiro. Não se esqueceu ali que Aginaldo auxilian poderosamente os americanos a expulsarem os hespanhoes das Philipinas, sob a promessa de que os Estados Unidos concederiam ao archipelago a maior liberdade e independencia. E foi o rompimento de semilhante promessa, uma vez vencida a Hespanha, que transformou Aginaldo, de alliado que era, em inimigo da grande Republica americana, assim como a violação do mesmo promettimento a Cuba ameaça produzir uma revolução n'esta ilha. Aginaldo; sendo um patriota e uma victima da má fé dos imperialistas, deve merecer a sympathia de todos os homens honrados da America e, sem duvida, esses não deesejam que os Estados Unidos não tratem o seu prisioneiro da mesma fórma que a Inglaterra trata os seus, mesmo quando se chamam Napoleão, Cronje e Arabi-pachá. E esses honrados americanos calculam até que o seu governo se mostraria habil e sagaz e, ao mesmo tempo, generoso, se confiasse a Aginaldo um cargo importante na administração das Philipinas, de maneira a convertel-o em amigo do Estados Unidos, o que seria de enorme alcance attenta a extrema influencia que elle exerce sobre os indigenas

MISSA

A mesa da Santa Casa da Misericordia d'esta cidade manda na proxima quarta-feira, 10 do corrente, pelas 9 horas do dia, rezar na sua igreja uma missa suffragando a alma do escrivão-mesario da mesma Santa Casa, sr. Antonio da Silva Pereira.

A mesa roga a todas as pessoas, e especialmente aos parentes e amigos do finado que queiram associar-se a esta manifestação funebre por ella prestada em suffragio do seu ex-collega, se dignem honrar este acto com a sua assistencia.

ANNUNCIOS

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os meliores bagaços para alimentação de todos os animaes.

tantes com mais attenção do que o brutal Testa-de-Boi ou o seu leviano companheiro.

—Por fé da minha ordem, disse elle aquella gente aproxima-se com mais tacto militar do que se poderia suppr. Vêde como elles se aproveitam dextramente das arvores e arbustos para se pôrem a coberto e como evitam expór-se aos tiros dos nossos bêsteiros! Eu não enxergo entre elles nenhuma bandeira nem galhardete, mas aposto a minha cadeira d'ouro que elles são dirigidos por algum nobre cavaleiro ou gentilhomem conhecedor da tctica de guerra.

(Continúa.)

(83)

FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXVI

Reginaldo Testa-de-Boi foi tambem lançar uma vista d'olhos ao acampamento, e, deitando immediatamente a mão á sua buzina, tirou uma nota prolongada e vibrante e ordenou aos seus homens que tomassem os seus postos nas muralhas.

—De Bracy, disse elle, toma conta do lado do nascente, onde os muros são mais baixos. Nobre Bois-Guilbert, tu que pela tua profissão conheces bem o ataque e a defeza,

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—desta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio café cru de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em sabão uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello Champagne.

Há tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, clato; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa de freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, pregos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, cloroformo, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

DE

MAUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

Nesta casa continúa a haver carros de aluguer, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—AVEIRO

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

Almanach illustrado DO "OCCIDENTE," Para 1901

Este excellento almanach, um dos melhores que entre nós no seu genero se publica acaba de ser posto á venda nas principaes terras do paiz, e d'elle recebemos um exemplar.

Profusamente illustrado e selectamente redigido, contem, além de todas as tabellas uteis e proprias de um bom almanach, um grande numero de artigos litterarios, artisticos e scientificos, muito interessantes e instructivos, acompanhados de gravuras, de monumentos quadros, estatuas, retratos, etc.

Verdadeiro modelo do annuario illustrado, cuja colleção é já hoje bastante valiosa, o Almanach do "Occidente" para 1901, trata entre outros, dos seguintes assumptos:

Centenario de Castilho, anniversario da batalha do Boscaco, convento do Carmo em Lisboa, a campanha contra o Mataca, centenario do descobrimento do Brazil, exposição universal de Paris, a estatua da Historia por Teixeira Lopes, D. Adelaide de Bragança no seculo e no claustro, as romarias portuguezas, a serra da Arrabida, o frei Martinho e a gruta de Santa Margarida, centenario de Antonio Ribeiro Saraiva, actriz Angela Pinto, 1.º centenario do patrão Joaquim Lopes, o poeta Malhão, o quinto centenario de Guttemberg, a secção agricola portugueza na exposição de Paris, etc, etc, sobresalhindo uma synopse das conquistas e descobrimentos portuguezes assaz completa.

Entre os mortos illustres dá-nos os retratos de Camara Pestana, Barjona de Freitas, Serpa Pimentel, Eça de Queiroz.

O apreciavel Almanach, custa 200 réis cada exemplar, encontra-se á venda em todas as livrarias e na Empresa do "Occidente", Largo do Poço Novo, Lisboa, aonde devem ser dirigidos todos os pedidos.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mysterios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roqna Gameiro. Nos Mysterios da Inquisição descrevem-se horrores que agitam affictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pôde olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ATELIER DE ALFAETERIA

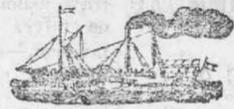
DE

Joaquim Ferreira Martins (O GAFANHAO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para inverno.

Como estamos na estação do inverno tambem lhe acaba de chegar um grande sortimento de fazendas para varinos.



BRAZIL, PARÁ E MANAUS

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil

Passagens de 1.ª 2.ª e 3.ª classes, em todas as companhias de paquetes por preços muito reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e de Lisboa.

As passagens tomadas n'esta casa gozam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas respectivas companhias aos srs. passageiros.

Esta agencia encarrega-se de solicitar passaportes e de obter no Porto e nas provincias, com a maior modicidade e rapidez, todos os documentos necessarios para os mesmos.

AFRICA OCCIDENTAL

em 1 e 21 de cada mez.

Para mais esclarecimentos dirigir-se directamente aos agentes habilitados em harmonia com a lei.

Abel Paulo & Pereira.

82—Praça da Batalha—PORTO.

(Em frente ao governo civil)

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONCALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Impartação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES — AVEIRO

NESTA antiga e acreditada

officina de calçado executa se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado que ha de mais elie.

Garante-se a solidez e economia de preço.